

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JEAN-MARIE STRAUB, NUNCA RECONCILIADO

13 de Janeiro de 2023

ANTIGONE ou DIE ANTIGONE DES SOPHOKLES NACH DER HÖLDERLINSCHEN ÜBERTRAGUNG FÜR DIE BÜHNE BEARBEITET VON BRECHT 1948 / 1992

“A Antígona de Sófocles, na tradução de Hölderlin,
tal como foi adaptada à cena por Brecht em 1948”

um filme de JEAN-MARIE STRAUB e DANIELE HUILLET

Realização, Montagem e Argumento: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet *Direcção de Fotografia:* William Lubchanski *Som:* Louis Hochet *Cenários:* H. Hurch *Interpretação:* Astrid Ofner, Werner Rehm, Ursula Ofner, Hans Diel, Kurt Radeke, Michael Maassen, Rainer Philippi, Libgart Scharz.

Produção: Regina Ziegler Produktion, Pierre Grise Productions (Alemanha, França, 1992) *Estreia Mundial:* Festival de Locarno, Agosto de 1992 *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 99 minutos, legendada em português *Inédito comercialmente em Portugal.*

Straub-Huillet começaram por trabalhar *Antígone* no teatro (na Schaubühne de Berlim, com um grupo de actores profissionais e não profissionais). Partiram de Sófocles, conforme a tradução de Hölderlin (1800-1803), e a adaptação de Bertolt Brecht em 1947-51. O filme, rodado na Sicília, no cenário único do teatro antigo de Ségeste, estabelece este diálogo a várias vezes – Sófocles traduzido por Hölderlin e interpretado por Brecht, filmado por Straub-Huillet – e diferentes temporalidades – Atenas do século V a. C., Alemanha do século XIX e a contemporaneidade. Contra a guerra, contra o combate, “Antí-gona”. O que há, em termos políticos e éticos, mais actual do que a tragédia grega? O que há de mais caro no cinema de Straub-Huillet do que o apelo à resistência?

A citação de Brecht no final do filme (datada de 1958), apelando à memória da humanidade contra o sofrimento, sublinha esta mesma urgência de perpétuo retorno ao essencial, como sempre em Straub-Huillet. Talvez por isso tenha sido notado, “[é como se] na personagem de Antígona o cinema dos Straub tivesse encontrado a sua personagem secreta, a sua única heroína (...); nenhuma tragédia lhes convém mais do que Antígona, a obra mais radical de Sófocles, que vai ao limite extremo da selvajaria, (...) redizendo as ruínas que já haviam sido colocadas no plano de abertura” (Laurence Giavarini, *Cahiers du Cinéma*, nº 459).

Filha incestuosa de Édipo e de Jocasta, irmã de Isménia, Etéocles, o combatente, e Polinices, o desertor, Antígona enfrenta Creonte, o senhor de Tebas, exigindo sepultar o cadáver de Polinices, o irmão culpado aos olhos da cidade. O antagonismo entre a lei da consciência e a da cidade é admiravelmente filmado por Straub-Huillet num teatro em ruínas sobre uma colina exposta ao sol. A ruptura entre dois mundos irremediavelmente distintos é marcada pela linha

de pedra que separa o coro antigo do espaço dos actores e que várias vezes ocupa a imagem, enquanto ouvimos a Assembleia de Anciões, num plano recorrente, raso, claro, vazio, onde as pedras brancas se perfilam em linha recta no chão.

A palavra é justamente a matéria de *Antígone* e às personagens é sublinhado, antes de mais, o fervor do discurso. No início do filme, as irmãs nunca se olham, uma ao lado da outra, alinhadas e verticais. Os argumentos esgrimidos entre Antígona e Creonte sucedem-se num diálogo no qual o tom acentua a certeza inabalável de cada um deles. Depois deste confronto com o tirano que, a Antígona, custará a vida, a acção acontece num “outro lugar”, não estando os episódios da tragédia presentes senão através do discurso. No limite da tragédia. No limite do teatro. No limite do cinema. Como a imagem, o som é, neste filme, cristalino. E retemos sobretudo a luminosidade da paisagem (duas vezes a sombra de uma nuvem cobre passageiramente o rosto de Antígona), a poeira do chão, as ruínas do teatro e os ruídos da mesma paisagem sobretudo o do vento nos ramos das árvores.

Maria João Madeira